

CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

ANGÉLICA DA PAZ GUERRA

**O PAPEL DA FAMÍLIA NA EFETIVIDADE DA
PSICOTERAPIA INFANTIL:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

ANGÉLICA DA PAZ GUERRA

**O PAPEL DA FAMÍLIA NA EFETIVIDADE DA
PSICOTERAPIA INFANTIL:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de bacharelado em
Psicologia da Faculdade de Apucarana -
FAP, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharelado em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Esp. Débora Sanitá
Malaguido Pinto.

ANGÉLICA DA PAZ GUERRA

**O PAPEL DA FAMÍLIA NA EFETIVIDADE DA PSICOTERAPIA
INFANTIL:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Psicologia da Faculdade de Apucarana -
FAP, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Psicologia, com nota
final igual a _____, conferida
pela Banca Examinadora formada pelos
professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Esp. Débora Sanitá Malaguido Pinto
Orientadora da Pesquisa

Profª Ms. Giovana Maria Mourinho Ferreira

Profª Esp. Amanda Maria de Almeida
Ramalho

Apucarana, ____ de _____ de 2025

O PAPEL DA FAMÍLIA NA EFETIVIDADE DA PSICOTERAPIA INFANTIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

GUERRA, A. P.¹

PINTO, D. S. M.²

RESUMO

A partir da compreensão de que o desenvolvimento da criança é influenciado por múltiplos fatores, este artigo investiga como a participação ativa da família pode impactar o sucesso do processo terapêutico infantil. O envolvimento dos responsáveis não apenas favorece o vínculo entre criança e terapeuta, como também potencializa os efeitos das intervenções clínicas. A problemática que norteia a pesquisa é: como a atuação familiar contribui para a efetividade da psicoterapia infantil? A partir desse questionamento, definiu-se como objetivo geral: compreender a relevância desse engajamento para a evolução clínica da criança. São discutidos temas como o papel da família no desenvolvimento emocional infantil, a importância do vínculo terapêutico, os benefícios da orientação parental e os principais desafios encontrados na prática clínica com os responsáveis. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, realizada de fevereiro a novembro de 2025, com base em livros e artigos científicos disponíveis nas plataformas Google Acadêmico e SciELO. Os resultados reforçam que a participação familiar é um componente essencial para a efetividade da psicoterapia infantil, exigindo empatia, ética, cooperação e, em alguns casos, intervenções complementares.

Palavras-chave: Família. Psicoterapia Infantil. Criança.

ABSTRACT

Based on the understanding that child development is influenced by multiple factors, this article investigates how active family participation can impact the success of the child therapy process. The involvement of caregivers not only promotes the bond between child and therapist, but also enhances the effects of clinical interventions. The research question is: how does family involvement contribute to the effectiveness of child psychotherapy? Based on this question, the general objective was defined as understanding the relevance of this engagement for the child's clinical development. Topics such as the role of the family in children's emotional development, the importance of the therapeutic bond, the benefits of parental guidance, and the main challenges encountered in clinical practice with parents and guardians are discussed. This is an integrative bibliographic research study with a qualitative and exploratory approach, conducted from February to November 2025, based on books and scientific articles available on the Google Scholar, SciELO, and PePSIC platforms. The results reinforce that family participation is an essential component for the effectiveness of child psychotherapy, requiring empathy, ethics, cooperation, and, in some cases, complementary interventions.

Keywords: Family. Child Psychotherapy. Child.

¹ Angélica da Paz Guerra. Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – PR. 2025. Contato: angélica_pg29@hotmail.com

² Débora Sanitá Malaguido Pinto. Orientadora da pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – PR. 2025. Contato: deborasma@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em um contexto social cada vez mais atento ao bem-estar emocional das crianças e ao fortalecimento dos vínculos familiares, torna-se crucial compreender de que forma a interação familiar pode contribuir para a efetividade da psicoterapia infantil.

O problema de pesquisa que orienta este estudo refere-se à análise de como a participação ativa da família pode potencializar os resultados terapêuticos na psicoterapia infantil. Ao reconhecerem seu papel ativo na terapia, os familiares se tornam aliados indispensáveis na melhoria do bem-estar da criança, o que assegura a continuidade e efetividade do tratamento (Friedberg e McClure, 2019).

A justificativa para este estudo se baseia na relevância social e prática de se compreender a importância da participação familiar, especialmente em uma sociedade que enfrenta desafios cada vez maiores relacionados à saúde emocional da criança. Ao envolver a família nas intervenções terapêuticas, é possível reduzir o estigma associado à busca de ajuda psicológica e proporcionar um ambiente mais favorável para as necessidades emocionais da criança (Friedberg e McClure, 2019).

No campo acadêmico e profissional, estudar essa temática enriquece a prática clínica, especialmente no que se refere à psicoterapia infantil, e evidencia a importância de integrar a família nas intervenções. Nesse sentido, estudar o envolvimento da família no tratamento psicológico infantil também reflete uma lacuna acadêmica que demanda aprofundamento. No campo econômico, a adesão da família desde o início do processo terapêutico pode resultar na redução do tempo de tratamento, minimizando a necessidade de intervenções prolongadas. Em contrapartida, a falta de envolvimento dos pais prolonga o processo terapêutico, o que pode gerar custos adicionais e comprometer a eficácia do tratamento.

O objetivo geral deste trabalho é compreender a importância da participação familiar no processo terapêutico da criança. Para alcançar esse objetivo, busca-se demonstrar a influência dos pais no desenvolvimento dos filhos; identificar os benefícios do envolvimento familiar; compreender as dificuldades enfrentadas pelos cuidadores em aderir às orientações terapêuticas e propor estratégias que incentivem a participação ativa dos pais no tratamento.

Este estudo pretende, assim, colaborar para a formação de profissionais mais capacitados, que reconheçam e integrem a dinâmica familiar nas intervenções

terapêuticas, que visa uma psicoterapia infantil mais eficaz e adaptada às necessidades de cada criança.

METODOLOGIA

O estudo adotou uma abordagem descritiva, com foco em analisar a importância da participação da família no processo terapêutico infantil a partir de publicações científicas. A pesquisa teve caráter qualitativo, baseado na análise e interpretação de dados extraídos de artigos, livros e teses. Foram utilizados critérios de inclusão, considerando materiais disponíveis na íntegra, em português, publicados entre 2005 e 2025, e excluídos aqueles sem relação direta com o tema ou em língua estrangeira. A coleta de dados ocorreu em bases científicas como SciELO e Google Acadêmico, utilizando como palavras chave: psicoterapia infantil, criança, família, relações entre pais e filhos e desenvolvimento infantil. A análise dos conteúdos buscou identificar padrões, temas e significados relevantes para a compreensão do papel da família no processo terapêutico. Por se tratar de pesquisa bibliográfica sem participação direta de seres humanos, dispensando, portanto, aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O papel da família no Desenvolvimento Infantil

Ao refletir sobre o significado de família, automaticamente associamos essa ideia às pessoas com quem mais convivemos, mais confiamos e das quais mais recebemos afeto. Para Callou e Calou (2020), a família é conhecida como base, como alicerce e refúgio, pois é dentro do contexto familiar que o indivíduo cresce e se desenvolve, no qual é moldada pelas experiências vividas no seio familiar, o qual adquire os primeiros ensinamentos.

Nesse contexto, Barros (2007) ressalta que as experiências iniciais exercem impacto definitivo no desenvolvimento emocional, sendo que os pais e o ambiente familiar desempenham um papel fundamental na modelagem da personalidade, influenciando-a de acordo com a presença de harmonia, ambientes conflituosos ou situações de desestruturação.

A Caderneta da Criança (2024) reforça que, desde cedo, a criança é ativa em seu processo de desenvolvimento e nas suas relações, mas depende de cuidados,

estímulos adequados e de um ambiente seguro para explorar o mundo de forma saudável.

Em consonância, Silva (2018, *apud* Lima; Muner; Bergmann, 2020) salientam que as pessoas mais próximas, no caso a família, desempenham um papel crucial no desenvolvimento da personalidade e da subjetividade da criança, pois são os principais responsáveis pelo cuidado, criação e pela educação dos filhos. Sendo assim, os autores concordam que a família é o primeiro ambiente a estimular o aprendizado da criança. Os estímulos oferecidos e a interação diária entre os membros da família são essenciais para o desenvolvimento infantil. Para eles, grande parte do aprendizado ocorre por meio da observação, especialmente das pessoas que ensinam com afeto e paciência. Esses aprendizados, absorvidos e internalizados tendem a ser reproduzidos com maior facilidade na fase adulta (Silva, 2018 *apud* Lima, Muner e Bergmann, 2020).

No que se refere ao afeto, o Ministério da Saúde (Brasil, 2024) destaca que ele constitui condição essencial para o desenvolvimento, pois crianças que se sentem amadas tornam-se mais seguras e confiantes para interagir com o meio. Entretanto, o afeto precisa ser acompanhado de limites claros, transmitidos com paciência e coerência, possibilitando que a criança reconheça regras, compreenda riscos e desenvolva autonomia. Nessa mesma direção, Sajaniemi *et al.* (2001, *apud* Saur *et al.*, 2018) explicam que a qualidade das interações nos primeiros anos de vida influencia diretamente o funcionamento cerebral, impactando positiva ou negativamente o desenvolvimento infantil.

Apesar do reconhecimento da importância das relações, das interações e do afeto, muitas famílias ainda enfrentam dificuldades nesse convívio, essa falta de conexão pode resultar em distanciamento e contribuir para problemas comportamentais e impactos psicológicos na criança (Callou; Calou, 2020).

Silva (2016) destaca que, muitas vezes, a família não tem consciência da influência que exerce na formação integral da criança, por isso, é fundamental criar espaços de reflexão sobre o papel da família na educação e no desenvolvimento psicológico infantil.

Desse modo, cada experiência vivenciada no contexto familiar contribui para a formação da visão de mundo e para o desenvolvimento integral da criança, consolidando a família como principal agente nesse processo.

Psicoterapia Infantil

Ferraz e Pacheco (2021) apontam que crianças em processo de adoecimento emocional enfrentam conflitos ligados à dificuldade em lidar com limites, sendo essencial que contem com um ambiente acolhedor, em conjunto com os pais e o apoio de um terapeuta, para favorecer o desenvolvimento e o equilíbrio emocional. Acrescentam ainda que normalmente, a procura por ajuda não parte da própria criança, mas sim de familiares, professores ou profissionais de saúde que percebem sinais de sofrimento.

Nesse sentido, Silva e Gontijo (2015) ressaltam que muitas famílias encontram dificuldades na educação dos filhos diante de uma sociedade em constante transformação, marcada por contradições nas normas sociais e diversidade de valores, o que pode gerar insegurança e comprometer o exercício da parentalidade. Diante dessas circunstâncias, torna-se evidente a relevância da psicoterapia infantil, tanto para acolher a criança quanto para apoiar os cuidadores em seus desafios.

Callou e Calou (2020) ressaltam que a psicoterapia infantil utiliza recursos lúdicos, como brinquedos e brincadeiras, para acessar os aspectos emocionais, mas vai além da ludicidade, contribuindo para avanços significativos no desenvolvimento e no cotidiano da criança. Veloso e Monte (2022, *apud* Friedberg; McClure, 2004) acrescentam que a psicoterapia infantil constitui um espaço seguro para a expressão de angústias, medos e inseguranças, sendo frequentemente buscada por encaminhamento de profissionais ou por iniciativa dos responsáveis.

De acordo com Ferraz e Pacheco (2021), o processo terapêutico auxilia tanto a criança quanto a família, favorecendo o autoconhecimento, a expressão de emoções e o fortalecimento de potencialidades. Nesse mesmo sentido, Callou e Calou (2020) destacam que a terapia contribui para o desenvolvimento de crenças positivas, promovendo autonomia e segurança.

Ferraz e Pacheco (2021) explicam que as representações que a criança constrói por meio do brincar e o significado atribuído aos brinquedos tornam o ato de brincar essencial no processo terapêutico, pois, é através das interações lúdicas que as crianças por muitas vezes se expressam, é por meio do brincar, que a criança amplia sua imaginação, ela incorpora tanto elementos do faz-de-conta quanto experiências vividas no mundo real. Acrescentam que essa atividade é essencial para o desenvolvimento emocional, a construção de valores morais e culturais, além de

favorecer a sociabilidade e a individualidade, o que a preparará para interagir de maneira mais adaptativa no meio social (Ferraz; Pacheco, 2021).

O processo terapêutico infantil ocorre em três etapas principais: fase inicial, intermediária e final. Ferraz e Pacheco (2021), assim descrevem:

A fase inicial é baseada na criação de um vínculo e uma aliança entre o terapeuta e a criança e seus familiares. É importante que os pais ou o terapeuta expliquem para a criança os motivos que os levaram a procurar um terapeuta e os objetivos da avaliação dessa criança, para maior sucesso do processo terapêutico. Já a entrevista com a criança, que é chamada de 'Hora do Jogo Diagnóstica', é desenvolvida pelas atividades lúdicas que estão disponíveis na caixa individual, que representa o mundo interno da criança. A fase intermediária é caracterizada por objetivar a análise, exploração e resolução dos sintomas do paciente. Ao interpretar e elaborar os conflitos que originaram a busca do tratamento, buscando a natureza dos sintomas, o terapeuta poderá auxiliar a criança a entender seus conflitos e seu lugar no mundo e resolver suas próprias questões. A fase final do processo psicoterápico ocorre desde o momento em que se cogita esse término até o momento em que acontece de fato o fim, podendo ser combinado entre todos os envolvidos e vir de alguma das partes a decisão. É preciso que exista um tempo para que ocorra a despedida e a separação entre paciente e terapeuta, para que ambos não corram o risco de passarem por períodos de ansiedade decorrentes de uma separação prematura, ou até mesmo um retorno dos sintomas trabalhados com a criança (Ferraz; Pacheco, 2021, p. 15).

Assim, a psicoterapia infantil não se restringe ao tratamento de transtornos psicológicos, mas busca auxiliar a criança na compreensão de suas experiências cotidianas, na mudança de comportamentos desadaptativos e no fortalecimento da personalidade. Dessa forma, constitui um espaço de acolhimento e construção de recursos emocionais e sociais que favorecem um desenvolvimento mais equilibrado e saudável (Callou; Calou, 2020).

A importância dos Pais no Processo Terapêutico

Este tópico abordará a participação dos pais na psicoterapia infantil. Muitas vezes, eles buscam ajuda devido à angústia gerada pelas demandas apresentadas pelos filhos. Nesse contexto, é fundamental acolhê-los e auxiliá-los a passar por esse processo da melhor maneira possível.

Silva e Gontijo (2015) esclarecem que atualmente muitas famílias não têm compreensão dos impactos que causam na formação integral dos filhos a partir da relação que é estabelecida diariamente com a criança, pois, desse cenário, torna-se fundamental criar espaços de reflexão sobre como a relação dos pais para com filhos

desperta consequências psicológicas e emocionais nas crianças, mesmo que de forma não intencional.

Oliveira (2010) reforça que a busca por ajuda psicológica não parte da criança, cabendo aos pais apresentá-la ao contexto clínico, e que, frequentemente, os pais precisam muito mais de apoio do que os próprios filhos denominados como alvo, necessitando de orientações sobre a dinâmica familiar e a educação dos filhos.

Friedberg e McClure (2019) apontam que a primeira estratégia para lidar com as demandas dos pais é a psicoeducação, garantindo que compreendam o funcionamento do processo terapêutico e as dinâmicas do comportamento infantil, por meio de discussões, leituras de materiais, modelos de comportamento adequados.

Silva e Gontijo (2015) reforçam a importância de esclarecer no que abrange o atendimento infantil e de estabelecer vínculos sólidos com todos os envolvidos, evitando expectativas irreais e promovendo confiança no trabalho terapêutico. Canavellas (2007) alerta que o terapeuta deve agir com cautela nas devolutivas, evitando reforçar sentimento de culpa ou adotar posturas autoritárias, considerando as possíveis ausências de atenção, tempo, cuidado ou afeto na família.

Friedberg e McClure (2019) explicam que, para se obter uma melhora significativa no contexto em que a criança vive, os pais precisam se aliar ao terapeuta, isto significa, que a família precisa atuar de maneira ativa e colaborativa no processo terapêutico para que o tratamento seja eficaz, pois, se pais e terapeuta não falarem a mesma língua, não seguirem as mesmas estratégias, a criança de alguma forma será prejudicada, pelo fato de receberem sinais confusos e como consequência, a efetividade da intervenção é diminuída através da falha na comunicação.

Oliveira, Gastaud e Ramires (2018) enfatizam que o envolvimento dos pais possibilita reflexões sobre o desenvolvimento emocional e social da criança, permitindo ao psicoterapeuta acessar sintomas, comportamentos e informações sobre o funcionamento familiar que podem ser a origem das demandas apresentadas pela criança.

Ferraz e Pacheco (2021) destacam que manter os pais envolvidos ativamente no processo psicoterápico da criança é fundamental para que através do relato familiar o profissional consiga ter acesso aos sintomas e comportamentos da criança fora do contexto clínico e também para ter acesso ao funcionamento de todos os integrantes da família, além de conseguir captar informações omissas que podem de alguma forma ser a origem, a causa do sintoma da criança

Esse fato se relaciona com o que os autores Callou e Calou (2020) afirmam, eles explicam que envolver e manter os pais no processo terapêutico é mais essencial do que se imagina. Para os autores, embora o foco do atendimento seja a criança, muitas das queixas trazidas ao terapeuta têm origem na postura e nos comportamentos dos próprios pais, que influenciam diretamente as respostas inadequadas da criança. Nem sempre o problema está centrado nela, mas sim em padrões parentais disfuncionais, no entanto, essas questões nem sempre são evidentes, e os responsáveis, por falta de conhecimento, muitas vezes não conseguem reconhecer seu papel na situação.

No que se refere à inclusão dos pais na psicoterapia, ainda se percebe um equívoco no que se refere a terapia infantil e uma certa resistência. Friedberg e McClure (2019) constataram que:

[...] alguns pais ficam surpresos ao saber que o planejamento inclui a presença deles nas sessões de terapia. Eles fazem comentários como “Não quero tirar o tempo que seria do meu filho” e “Este é o horário dela e não quero atrapalhar o tratamento”. O terapeuta deve comunicar aos pais que essa inclusão no processo de terapia é uma parte fundamental da solução dos problemas comportamentais da criança e não tem a ver com culpa (Friedberg; McClure, 2019, p. 297).

De acordo com, Callou e Calou (2020), atualmente, a responsabilidade pelos avanços no processo terapêutico não recai apenas sobre o profissional, ou seja, o terapeuta deixa de ganhar exclusividade e a família torna-se protagonista ao longo do processo, então, no novo cenário, o trabalho passa a ser em equipe, é formado pelo tripé: terapeuta, família e criança. O progresso ocorre por meio da relação estabelecida entre eles, que deve ir além das questões familiares e se expandir para outros aspectos (Callou; Calou, 2020).

Por fim, Friedberg e McClure (2019) afirmam que os pais ocupam papel estratégico no processo terapêutico, atuando como provedores de reforços nos diversos contextos em que a criança está inserida, aplicando reforços positivos e oferecendo apoio de maneira eficaz. Dessa forma, incluir os pais no processo infantil amplia os efeitos do tratamento, fortalece o vínculo com a criança e garante que a intervenção seja alinhada à realidade familiar, tornando a psicoterapia mais eficaz e consistente.

Desafios do Trabalho com a Família

A orientação de pais é amplamente reconhecida como uma estratégia eficaz no trabalho com famílias, com o objetivo de promover reflexões sobre princípios educativos, melhorar o relacionamento entre pais e filhos e oferecer ferramentas para um desempenho parental mais adequado. Pardo e Carvalho (2012) afirmam que essa prática favorece mudanças no ambiente familiar e no manejo de comportamentos, fortalece o papel dos pais na formação emocional e social dos filhos.

Embora o acesso do terapeuta ao ambiente familiar e escolar seja vantajoso, também traz desafios, principalmente no início do processo, quando se busca conquistar a confiança tanto da criança quanto dos responsáveis (Borges; Cassas, 2012). Segundo esses autores, na maioria das vezes, a iniciativa pelo atendimento parte dos pais, o que torna o trabalho do terapeuta desafiador devido às diferentes percepções e interesses de cada participante. Nock e Kazdin (2001, *apud* Correia, 2022) destacam que as expectativas dos pais influenciam diretamente o engajamento familiar: pais com maiores expectativas percebem menos barreiras, enquanto aqueles com crenças negativas relatam mais dificuldades para participar ativamente da terapia.

Além disso, Borges e Cassas (2012) explicam que, em alguns casos, apenas um dos responsáveis reconhece a necessidade da intervenção, enquanto o outro atribui o problema à educação da criança, desvalorizando o apoio profissional. Dessa forma, o terapeuta precisa dispor de um repertório variado de estratégias, considerando o nível de desenvolvimento da criança e utilizando recursos lúdicos, artísticos ou dramatizações desde que usados com clareza de propósito e domínio por parte do profissional.

O contato simultâneo com a criança e seus responsáveis exige cuidados éticos, especialmente no que se refere à preservação do sigilo profissional, conforme estabelece o Código de Ética Profissional do Psicólogo (arts. 9º e 13), protegendo a intimidade da criança e comunicando aos pais apenas o estritamente necessário para seu benefício (Borges; Cassas, 2012).

Apesar de essencial, a participação dos pais nem sempre garante mudanças suficientes. Borges e Cassas (2012) destacam que, dependendo das dificuldades enfrentadas pelo casal ou família, pode ser necessário um acompanhamento complementar, como terapia para o casal ou atendimento individual a um dos

responsáveis, mantendo ou ajustando o atendimento da criança. Em algumas situações, é recomendada a intervenção familiar completa, envolvendo todos os membros da família, para que o trabalho com a criança seja realmente efetivo.

Em síntese, a orientação de pais é uma ferramenta fundamental no contexto da psicoterapia infantil, mas requer vínculo, ética, clareza de objetivos e, quando necessário, complementação por outras intervenções, garantindo que o desenvolvimento emocional e social da criança seja adequadamente promovido (Borges; Cassas, 2012; Pardo; Carvalho, 2012).

CONCLUSÃO

Com base nas pesquisas realizadas, buscando especialmente avaliar sobre como a atuação familiar pode contribuir para a efetividade da psicoterapia infantil, foi possível constatar que o envolvimento familiar é um dos pilares fundamentais para o progresso terapêutico da criança. Ao longo do trabalho, observou-se que quando os pais participam ativamente do processo, compreendendo os objetivos da terapia, dando continuidade no contexto familiar e mantendo um bom diálogo e cooperação com o terapeuta, os resultados tendem a ser muito mais consistentes.

Isso porque, muitas das queixas da criança têm origem em padrões parentais disfuncionais, além do fato de que não são elas quem buscam ajuda terapêutica, mas os seus próprios pais. Percebe-se que em muitos casos, são os pais que não conseguem lidar com os comportamentos disruptivos dos filhos, recorrendo-se aos terapeutas, para que este profissional possa lidar com as demandas apresentadas, quando na maioria das vezes, são os próprios pais que mais precisam de orientações e direcionamento dentro da relação familiar.

Também se percebe que a ausência dessa participação pode limitar o avanço da criança, pois o ambiente familiar é onde ela mais aprende, repete e consolida comportamentos. Dessa forma, o progresso da psicoterapia ocorre por meio da relação estabelecida entre o terapeuta, família e a criança, que deve ir além das questões familiares e se expandir sobre outros aspectos. Então, se conclui que o trabalho terapêutico não se encerra nas sessões, ele deve ser generalizado para outros contextos, principalmente dentro da família.

REFERÊNCIAS

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de Psicologia do Desenvolvimento**. 12^a Ed. São Paulo – SP. Editora Ática, 2007.

BORGES, Nicodemos Batista; CASSAS, Fernando Albregard. **Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderneta da Criança**. 7. Ed. Brasília: MS/CGDI, 2024. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_crianca_menina_passaporte_cidadania_7ed.pdf Acesso em: 23 de mar. de 2025.

CALLOU, Ticiane Kelly Bento Machado; CALOU, Antonio Leonardo Figueiredo. **A contribuição familiar no Processo Terapêutico da Criança: Um Estudo bibliográfico**. Id on Line Ver. Mult. Psic., fevereiro/2020, vol.14, n.49, p.436-449. ISSN:1981-1179. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2348/3651>> Acesso em 28 de mar. 2025

CANAVELLAS, Luciana Bicalho. Trazendo os pais pelas mãos: em busca de um sentido para a terapia de crianças. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v.4, n.7, 2007, p.230-235. Disponível em: <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/132/190> Acesso em: 31 de mar. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, DF: CFP, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 13 de abr. de 2025.

CORREIA, Laura Sofia Ribeiro. **Uma revisão sobre o envolvimento parental na intervenção com crianças e adolescentes: como promover?** Orientador: Nome Dr^a Isabel Sá. p. 9. Tese (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/65459/1/ulfpie057607_tm.pdf. Acesso em: 13 de abr. 2025.

FERRAZ, Livia Martins; PACHECO, Isabel Ferreira. **Psicoterapia Infantil**. 2021. Disponível em: https://repositorio.alfaunipac.com.br/publicacoes/2021/685_psicoterapia_infantil.pdf. Acesso em: 23 de fev. 2025.

FRIEDBERG, Robert D; McCLURE, Jessica M. **A prática clínica da terapia cognitiva com crianças e adolescentes**. Tradução: Henrique Guerra; revisão técnica: Ricardo Wainer. – 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4^a ed., São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Kelly Ketlen dos Santos; MUNER, Luana Comito; BERGMANN, Danielle dos Santos. Desenvolvimento Psicológico Infantil: Um estudo sobre a importância e as contribuições da família. **Revista Cathedral** (ISSN 1808-2289), v.4, n. 3, ano 2020. Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/517/159>. Acesso em: 23 de fev. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2021.

OLIVEIRA, Danielle Cavalcanti Almeida de. Recriando histórias: o desabrochar da capacidade criativa em crianças a partir da Gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 7, n.13, 2010, p. 354-367. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/IGTnarede/2010/vol7/no13/9.pdf> Acesso em: 31 de mar. 2025.

OLIVEIRA, Luiz Ronaldo de; GASTAUD, Marina Bento; RAMIRES, Vera Regina Rohnelt. Participação dos Pais na Psicoterapia da Criança: Práticas dos Psicoterapeutas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 1, p. 36–49, mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/777TQKVnB5rMgdF7DwTc6xN/abstract/?lang=pt> Acesso em: 19 de mar. 2025.

PARDO, Maria Benedita Lima; CARVALHO, Margarida Maria Silveira Britto de. Grupos de orientação de pais: estratégias para intervenção. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 80-87, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2012.52.02/1207>. Acesso em: 13 de abr. 2025.

SAUR, Barbara *et al.* Relação entre Vínculo de apego e desenvolvimento cognitivo, linguístico e motor. **Revista Psico – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6676239> Acesso em: 24 de mar. 2025.

SILVA, Thalita Rodrigues; GONTIJO, Cristina Silva. A Família e o Desenvolvimento Infantil sob a Ótica da Gestalt-Terapia. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 15-36, 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000100003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 24 de mar. 2025.

VELOSO, Jessyca Gracy Pereira; MONTE, Patrícia Melo do. Psicoterapia de crianças com altas habilidades/superdotação. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 23, n. 00, p. e022004, 2022. DOI: 10.30715/doxa. v23i00.15850. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/15850>. Acesso em: 30 mar. 2025.